

MÚSICA E ETNICIDADE JUDAICA NAS CANÇÕES DO SHABAT EM RECIFE/PE

Keila Souza Fernandes da Cunha
 Universidade Federal da Paraíba – UFPB
 Mestranda em Música
 Etnomusicologia
SIMPOM: Subárea de Etnomusicologia

Resumo

Este trabalho tem como foco as canções do *Shabat* como marcador identitário e seus contextos sócio-culturais. Busca-se refletir sobre as possíveis relações entre a música realizada durante o Shabat, uma prática cultural/religiosa realizada por alguns judeus recifenses, com a própria identidade judaica. Atualmente algumas famílias judaicas descendentes de imigrantes no Recife, capital pernambucana, mesmo sendo impactadas pelos processos dinâmicos das mudanças culturais que afetam as sociedades contemporâneas, ainda realizam o ato de acender as velas ao entardecer da sexta feira, ou seja, quando aparece a primeira estrela no céu vespertino, dando início assim a uma prática que é tão antiga quanto à própria história do judaísmo desde os tempos da antiguidade. Tendo em vista a existência de um repertório musical específico para tal e que o mesmo é usado nas celebrações do Shabat por milhões de judeus no mundo todo, a pesquisa em andamento enfoca o papel da música com suas funções, bem como sua execução no lar judaico e na sinagoga, locais estes onde se pratica o Shabat, sendo esta um tipo de investigação que envolve a pesquisa em campo com coleta de dados para uma análise principalmente qualitativa e complementarmente quantitativa objetivando esclarecer a relação música-identidade. Ainda dentro da concepção Etnomusicológica, este estudo busca compreender dentre muitos outros aspectos a relação entre a música shabática e a questão da etnicidade, tema bastante recorrente em pesquisas acadêmicas no século XXI das ciências sociais, considerando sua importante e crescente ligação com muitas pesquisas de caráter etnomusicológico quando as mesmas dão destaques aos aspectos musicais que constroem ou podem ser intrínsecos a uma sociedade com seus significados e simbolismos.

Palavras-chave: música judaica; Shabat; identidade judaica; etnicidade.

Torna-se difícil definir o que é 'identidade judaica'. Possivelmente até hoje, principalmente fora de Israel, o "ser judeu" não está apenas ligado a certas práticas e rituais comuns ligados ao judaísmo, porém, a um universo bem maior que inclui além dos laços consangüíneos, há também a religiosidade e o aspecto cultural que envolve a tradição, etc. Aqui o conceito de 'identidade' é tomado partindo da definição de Stuart Hall, quando conceitua a mesma a partir da visão do que ele chama de 'sujeito sociológico', afirmando que esta concepção é construída através de um princípio dialógico entre estruturas interiores e exteriores, que existem entre o indivíduo e o todo, sendo este diálogo a própria identidade e que ocorre nesse espaço entre interior e exterior:



A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ — entre o mundo pessoal e o mundo público. (...) A identidade, então, costura o sujeito a estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos, quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”. (HALL, 2000, p. 11-12)

Hall (2000) aborda mudanças estruturais que estão agindo sobre a identidade cultural das sociedades, provocando uma crise de identidade. Dentre muitos pontos a considerar destaca-se o que ele chama de 'Tradição' e 'Tradução', que são duas maneiras de se analisar uma sociedade atingida pela globalização. A 'Tradição' seria a tentativa de uma re-ligação com suas origens, a busca da pureza. Já a 'Tradução' seria a negociação com outras culturas em que vivem, porém, sem perda total de suas origens e tradições. Não se pode afirmar atualmente que os judeus, de maneira geral, adotam o sistema da 'Tradição' nos seus novos espaços sociais. Porém fica mais evidente, através da sua história no estado pernambucano, que a 'Tradução' ocupa uma postura mais clara, pois os mesmos não se negam ao ambiente em que estão, porém ao mesmo tempo, não perdem ou tentam não perder os vínculos com suas origens, negociando assim com o ambiente cultural em que estão sem se deixar assimilar totalmente por ele.

Possivelmente a questão da nova adaptação em terras brasileiras além de desencadear atitudes diferentes nestes imigrantes quanto ao trabalho, aos hábitos alimentares e outros fatores relacionados à sua própria sobrevivência, também, acabou por reforçar um conjunto de práticas que são comuns a uma grande parte dos judeus espalhados pelo mundo, evidenciando assim a apropriação do termo que Eric Hobsbawm (2008) bem definiu como “tradição inventada”, ou seja, uma variedade de atitudes e fazeres representados simbolicamente ou através de rituais, que são estabelecidos num grupo qualquer objetivando através da repetição a continuidade de valores e comportamentos para que assim se estabeleça algum tipo de ligação com seu passado. Sendo o judeu imigrante em terras pernambucanas, conseqüentemente considerado “minoría”, segundo a definição de Galliano que explica minoría como “um subgrupo da sociedade cujos membros estão sujeitos a preconceitos, discriminação, perseguição ou segregação por parte de outro subgrupo, que é considerado como maioria”, e ainda acrescenta “as minorías podem ser nacionais, lingüísticas ou religiosas” (GALLIANO, 1986, p. 237), neste caso um tipo claro de ‘minoría’ envolvendo as três categorias citadas por Galliano, eles mantiveram algumas das suas práticas musicais sejam elas de cunho religioso ou cultural. E, se tratando de “minoría”, ainda é possível fazer uma relação com outro conceito que lida com fatores inerentes ao dilema das sociedades com

suas estruturas e representatividades e que nesta pesquisa se aplica juntamente também ao fator da identidade que é o conceito de “Etnicidade” segundo a definição de Cardoso de Oliveira:

É definido como envolvendo relações entre coletividades no interior de sociedades envolventes, dominantes, culturalmente hegemônicas e onde tais coletividades vivem a situação de minorias étnicas ou, ainda, de nacionalidades inseridas no espaço de um Estado-Nação. (OLIVEIRA, 2006, p. 89)

As comemorações culturais e religiosas em geral podem ser associadas ao que Denys Cuche classifica que, muitas vezes, a distinção de uma cultura dá-se pela vontade de diferenciar-se e essa diferenciação manifesta-se através da utilização de determinados “traços culturais como marcadores de sua identidade específica” (CUCHE, 2002, p.122) no caso dos judeus esses ‘marcadores’ são representados dentre muitas outras coisas, pelas suas datas comemorativas incluindo o *Shabat*.

O Pacto Perpétuo: O sentido do Shabat

O *Shabat*, segundo Kolatch (1981), é o sétimo dia da semana judaica também conhecido como 'dia do repouso' onde se deve fazer a "guarda" do sábado, ou seja, neste dia normalmente não se trabalha. Esta é uma das práticas mais antigas que boa parte dos judeus realiza até hoje no Recife, pois encontramos registros sobre o *Shabat* na Tora, que é o livro da lei, da doutrina para os judeus, também conhecida como Lei Mosaica (lei escrita por Moisés, registrada também na Bíblia dos cristãos).

O início do *Shabat* acontece na sexta-feira 18 minutos antes do pôr-do-sol indo até 42 minutos após o pôr-do-sol do sábado. A cerimônia do início deste dia ocorre em cada família com o acender de duas velas que deverão ter um tamanho suficiente a fim de queimarem durante todo o período em que durar a refeição da sexta-feira a noite. Há a oração da santificação — *Kidush do Shabat* — que é recitada pelo pai de pé, um momento em que todos se levantam e repetem textos do *Bereshit*, um dos livros da Lei Mosaica, descrevendo a origem do *Shabat*. Antigamente durante todo o *Shabat*, ocorriam três refeições e a terceira e última refeição era intercalada por cânticos em hebraico e aramaico. Atualmente também acontecem músicas específicas na realização do mesmo como afirma Tânia Kaufman:

Desde 1995, também um grupo não ortodoxo mobiliza casais na faixa etária entre 30 e 40 anos, para celebração do *Shabat* em encontros semanais. Nessas reuniões são priorizadas as discussões baseadas no Talmude; retoma-se o hábito de acender as velas do *Shabat*; elege-se, para discussão, a parashá da semana; debatem-se temas correlatos ao judaísmo; entoa-se música especial de *Shabat*; e finaliza com uma confraternização em torno de comida e bebidas típicas da ocasião. (KAUFMAN: 2000, p.181[grifo meu])



Segundo um dos principais dicionários sobre judaísmo, organizado por Mucznik (2009), as canções de Shabat fazem parte do ritual de uma maneira muito especial sendo realizadas principalmente com a chegada do Shabat, e que, ao longo do tempo vieram sendo traduzidas, readaptadas e rearranjadas, mas todas elas transmitindo o mesmo sentimento de alegria e devoção deste dia que para os judeus se constitui no dia mais sagrado do calendário judaico. As melodias vão sendo modificadas enquanto que a letra permanece a mesma ou mais próxima da versão original, pois são as letras das canções que exprimem o significado deste dia bem como demonstram a devoção e amor dos judeus para com este dia santificado:

Nesse espírito está vazado o refrão do célebre hino da sexta-feira a noite, “Lechah Dodi”, que foi composto pelo cabalista de Safed, Rabi Salomão Halevi Alkabetz, no ano de 1540, e é cantado — segundo afirmam os musicólogos maravilhados — com duas mil diferentes melodias nas sinagogas e nos lares judeus do mundo todo. (MUCZNIK et Al, 2009, p. 663)

Como foi citado acima uma destas melodias “Lechah Dodi” é tomada como exemplo dentre as muitas que se cantam durante o Shabat, como segue na figura 1 (abaixo):

Figura 1.

Esta música também faz parte do repertório de canções executadas pelos judeus em Recife, no momento das reuniões em família ou nas sinagogas, situadas no bairro de Boa Viagem e no bairro da Torre. A pesquisa em questão estuda os espaços citados (as duas sinagogas e em torno de cinco famílias), através da observação em campo, de entrevistas semi-estruturadas, depoimentos, de gravações em áudio e vídeo e da pesquisa bibliográfica.

Blacking (1976) acrescenta que o comportamento musical, de uma maneira geral, é como sistemas e estruturas, produzidos pelo próprio homem e qualquer que seja sua análise, deve-se levar em consideração estas estruturas que ‘sustentam’ a música. Já segundo Alan P. Merriam (1964), existem funções que podem explicar o fazer musical, ou seja, sua execução num determinado meio e/ou contexto cultural e social, estando esta música que os judeus realizam durante o Shabat, associada à pelo menos três destas funções sendo elas:

1) ‘função de representação simbólica’, por representar simbolicamente uma noiva que chega para todos os judeus quando aparece a primeira estrela vespertina da sexta-feira trazendo alegria para todos aqueles que a recebem com cânticos, orações e devoções, segundo o dicionário de Judaísmo:

No século III, os devotos da Judéia recebiam a chegada do Shabat com canções alegres e com o recitativo de salmos de louvor. Os místicos rabínicos referiam-se ao dia santificado, poeticamente, como a “Rainha Shabat” (em hebraico: Shabat Há-Malkah) e a “Noiva Shabat”, saudavam-no com mostras de veneração e de terna alegria — sentimentos apropriados para acolhimento de uma noiva real. (MUCZNIK et Al, 2009, p. 663)

2) ‘função de validação das instituições sociais e rituais religiosas’, por ser realizado tanto nas casas das famílias judaicas quanto também nas sinagogas em horários determinados considerando que estes espaços são sociais (família) e religiosos (sinagoga) “O Shabat é a afirmação em termos religiosos e sociais dos direitos do homem diante de Deus.” (MUCZNIK et al, 2009, p. 661)

3) ‘função de integração social’, pois durante toda a prática do *Shabat*, desde o acender de velas até a alimentação especial que é servida, promove-se o encontro da família ou das famílias, amigos e até convidados, gerando assim uma integração social, onde todos participam desta prática judaica.

Desde épocas remotas também é costume respeitado pelos fiéis, ao final do serviço religioso da sexta-feira à noite na sinagoga, convidar algum homem pobre — seja ele um estrangeiro sem lar ou um forasteiro de passagem — a entrar e sentar-se como convidado de honra no seio da família na mesa do Shabat. (MUCZNIK et Al, 2009, p. 666)

O tipo específico de alimentação no *Shabat*, intercalada por leituras do Talmude, discussões sobre judaísmo e cânticos especiais, buscam retratar de alguma forma suas origens através de

simbolismos e representações, como por exemplo, a quantidade em dobro do pão representa a quantidade de maná, o alimento que os israelitas comeram no deserto depois do êxodo egípcio, que era recolhido em sobras na véspera do *Shabat*. Para que hoje houvesse uma 'memória' foi necessário uma continuidade de práticas ao longo do tempo, que conscientizassem as gerações atuais da história ocorrida no passado, mesmo que estas atuais gerações estejam vivendo a modernidade.

O Estudo da Música do Shabat e Etnicidade

No âmbito do conhecimento científico etnomusicológico, ressalta-se a interdisciplinaridade com a antropologia, pois a realização deste requer análises sobre práticas musicais bem como sua aplicação, observação de um 'campo' musical distinto com suas características, uma leitura histórica do tema em estudo relacionado com sua prática atual, e no âmbito do conhecimento científico antropológico, pois trata a questão social quando se refere a 'transmissão', envolvendo pessoas que convivem e praticam um determinado tipo de música num meio comum a elas, além de refletir a respeito do fator "etnicidade", quando o estudo repensa a música shabática como um dos veículos de uma identidade, seja ela cultural, social, ou religiosa.

Este direcionamento voltado a questões de identidade, de cultura, de minorias e grupos sociais, ao contrário de enaltecer posturas preconceituosas, busca compreender aspectos relacionados ao que é inerente a qualquer agrupamento de seres humanos e que, conseqüentemente, geram a sociedade, a religião, a cultura, etc., tal qual o próprio ser humano, estes aspectos estão em constante modificação e adaptação, sendo isto o sentido de sua manutenção diante da diversidade existente no mundo. Uma vez que se objetiva pesquisar a questão da identidade étnica num tipo de música que é restrito a um grupo cultural, é também útil perceber que esta música é componente presente no contexto cultural pesquisado, ou seja, a música faz parte da cultura, que, por sua vez, busca relacionar-se com esta identidade étnica que é publicamente assumida e declarada, para tanto uma pesquisa que tenha como objetivo o conhecimento tanto da cultura quanto da identidade é verdadeira importante e válido para a pesquisa científica em si e para os processos de investigação acadêmica, como cita Oliveira, "Ambas, tanto cultura quanto identidade, enquanto dimensões da realidade intercultural, são relevantes para a investigação." (OLIVEIRA, 2006, p. 35). Ressalta-se aqui a postura científica do pesquisador diante de qualquer que seja o objeto pesquisado, pois atualmente a pesquisa científica visa contribuir ao respeito ético que deve permear o processo de pesquisa em todas suas etapas, sem avaliações vazias e inconsistentes, assim favorecendo uma melhor compreensão do objeto estudado com suas particularidades, diferenças e semelhanças, mais uma vez, como afirma Cuche:



Não é o cientista que deve fazer ‘controles de identidade’. O papel do cientista é outro: ele tem o dever de explicar os processos de identificação sem julgá-los. Ele deve elucidar as lógicas sociais que levam os indivíduos e os grupos a identificar, a rotular, a categorizar, a classificar e a fazê-lo de uma certa maneira ao invés de outra. (CUCHE, 2002, p. 187-188)

Cuche chama a atenção para o fator da identidade e sua relação com a permanente transformação que permeia cada grupo social, afirmando que há uma construção e desconstrução do processo de criação das ‘identidades’ e que isto ocorre dentro da mudança social: “A identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente.” (CUCHE, 2002, p. 198)

Observando a música enquanto arte, e esta como um componente cultural, pode-se tratar a identidade pelo viés da cultura que compreende o ser humano do ponto de vista social, grupal e não meramente um ‘descendente’ ligado pelos laços consangüíneos e determinantes a este ou aquele, mas sim, como afirma Cuche (2002), ter uma visão de ‘identidade’ dentro de uma abordagem culturalista que enfatiza a coletividade e a socialização de características resultantes da herança cultural. As canções shabáticas merecem um estudo científico mais dirigido porque podem ser vistas como traços culturais que se fazem presentes na comunidade judaica para sua afirmação e manutenção, isto de acordo com que Cuche afirma: “Também, para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural”. (CUCHE, 2002, p. 182)

Uma das muitas justificativas sobre o estudo da identidade judaica através da música no Recife, também se dá como uma forma de incentivo a qualquer que seja a formação cultural ou religiosa, visto que o Brasil é um país de diversidades, sendo, portanto, um vasto campo de pesquisa, não somente para a etnomusicologia que já vem desenvolvendo pesquisas relacionadas a grupos indígenas, comunidades quilombolas, sociedades urbanas, etc, bem como para a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia Social, que de uma maneira geral já desenvolveu e desenvolve vários estudos sobre questões de identidade, relações étnicas, etnicidade, etnoética, dentre outros. Portanto não se deve desclassificar a importância de estudos que contemplem as questões anteriormente citadas, bem como o que a interação entre culturas diferentes podem trazer, através de trocas que são construtivas, pois cada cultura possui características próprias que as tornam diferentes e singulares em relação a outras culturas e mesmo porque nenhuma identidade é construída por si só tendo a necessidade de interagir com o meio para que se estabeleça. Muitos aspectos de uma sociedade podem se constituir fatores de identificação, como por exemplo, a alimentação, as vestimentas, a economia, a religião, as

artes, o que, em termos analíticos, vão muito mais além do que os símbolos pátrios que a grande maioria dos países no mundo possuem, como a bandeira, o brasão e o hino, até porque cada nação constituída e representada legalmente, tem em si inúmeras sociedades distintas que muitas vezes se portam diferentemente até mesmo no fator da linguagem.

Uma Breve Conclusão

Em suma nota-se que o estudo etnomusicológico e o fator da etnicidade podem caminhar juntos de modo a favorecer estudos a respeito do fazer musical e próprio reconhecimento identitário, perspectiva esta bastante apropriada para outros desbravamentos no campo científico musical.

Referências bibliográficas

BLACKING, John. *How Musical is Man?* 5 ed. London: University of Washington Press, 1995. (versão traduzida);

CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*; tradução de Viviane Ribeiro, Bauru: EDUSC, 1999;

GALLIANO, A. Guilherme. *Introdução a Sociologia*. São Paulo, Harbra Ltda, 1086;

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A, 2000;

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 2008;

KAUFMAN, Tânia Neumann. *A Presença Judaica em Pernambuco*, Recife: Bagaço, 2000;

KOLATCH, Alfred J. *Livro Judaico dos Porquês*. São Paulo, Sêfer, 1981;

MERRIAM, Alan P. *The Anthropology of Music*. Evanston: Northwestern University Press, 1964;

MUCZNIK, Esther. MUCZNIK, Lúcia. TAVIM, José Alberto da Silva. *Dicionário de Judaísmo Português*, São Paulo, Presença, 2009;

NETTL, Bruno. Introduction: Studying Musics of the World's Cultures. In: NETTL, Bruno et AL. *Excursion in world music*. 2. Ed. New Jersey: Prentice Hall, 1997;

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Caminhos da Identidade: Ensaios sobre Etnicidade e Multiculturalismo*. São Paulo, UNESP, 2006;

SEEGER, Anthony. "Porque os índios Suyá Cantam para suas Irmãs" In: VELHO, Gilberto (org) *Arte e Sociedade - Ensaios de Sociologia e Arte*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

